



MARCOS VITOR COSTA CASTELHANO

POESIA

O CAOS DE SER QUEM SE É

entre a desordem, a finitude e o devir

EDITORA
ac

IDEIAS QUE TRANSFORMAM
REALIDADES

O CAOS DE SER QUEM SE É

Marcos Vitor Costa Castelhana

MARCOS VITOR COSTA CASTELHANO

O CAOS DE SER QUEM SE É



1ª edição
São Bento - PB
Editora AC
2026

DADOS EDITORIAIS

© 2026 Marcos Vitor Costa Castelhana

Todos os direitos reservados.

Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional.

2026 - Edição Brasileira

Editora: Editora AC

Editor-chefe: Marcos Vitor Costa Castelhana

Diagramação: Marcos Vitor Costa Castelhana

Revisão de texto: Autor

Produtora Editorial: Petros Renan Custodio da Silva Almeida

COMISSÃO EDITORIAL

Dr. Patricio Borges Maracaja

Dra. Aline Carla de Medeiros

Me. Lisbino Geraldo Miranda do Carmo

Me. Flávio Franklin Ferreira de Almeida

Me. Marcos Vitor Costa Castelhana

Contato: (83) 99840-0598

São Bento - PB - Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C348c CASTELHANO, Marcos Vitor Costa. O caos de ser quem se é
[Recurso eletrônico]. / Marcos Vitor Costa Castelhana. – 1.ed. São
Bento, PB: Editora AC, 2026.
1 livro digital.

Título da Capa: O CAOS DE SER QUEM SE É
ISBN: 978-65-977631-5-3

1. Poesia Brasileira 2. Marcos Vitor Costa Castelhana, 1998
I. Título.

CDD B869.1

Elaborado por Márcia Maria Feitosa Ferraz CRB-PB 824/O

“Você tem que estar preparado para se queimar em sua própria chama: como se renovar sem primeiro se tornar cinza?”

(Nietzsche em Assim Falou Zaratustra)

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO.....	1
PRÓLOGO	2
01 Caos de ser que se é.....	3
02 Liberdade.....	5
03 Nascimento.....	6
04 Madrugada.....	8
05 Desespero	10
06 Ótica Logística.....	11
07 Erro	12
08 Suicídio Parabólico.....	15
09 Últimos Tempos	17
10 Poeira.....	19
11 Ato Falho.....	20
12 Esvair	21
13 O Padecer de Cada Aurora.....	22
14 A menina e seus poemas	24
15 Pesadelo Longíquo.....	25
16 No Mundo Normal	27
17 Solitude.....	28
18 Cotidiano.....	29
19 O Narcisista.....	30
20 Levar a sério	31

SUMÁRIO



21 Não-dizer	32
22 Paradoxo do ser	33
23 Plástico	34
24 Ser Simbólico.....	35
25 Vida Pensada.....	36
26 Breve afirmação sobre a solidão	37
27 Dogmático.....	38
28 Anoitecer Dionísíaco	39
29 Aracnofobia	41
30 Devaneio de uma breve paixão	43
31 Pesadelo Tardio	44
32 As Penumbras Multifacetadas.....	45
33 Espírito Apolíneo	46
34 Eclipse Lunar	47
35 Lástima.....	48
36 Sintomas	49
37 Questionamento inefável.....	50
38 Linguagem Sinestésica.....	51
39 Medo.....	52
40 Transicional.....	53
41 Fama	54
42 Ser-com-os-outros	55

SUMÁRIO



43 Herói.....	56
44 Breve torpeza.....	57
45 Transgressão artística	58
46 Ódio as crianças.....	60
47 Gaiola.....	62
48 Crepúsculo.....	64
49 Vingança.....	65
50 Anacronismo dos apaixonados	66
51 Inconstância	67
52 Olhos retidos.....	68
53 Prazer Monogâmico.....	69
54 Carminada	70
55 Ilusões	71
56 Espelho.....	72
57 O Ludibriar da Pseudo Clarificação.....	73
58 Transgressão	74
59 Caminhada no Deserto	75
EPÍLOGO	77
SOBRE O AUTOR	79

APRESENTAÇÃO



Na hiperbólica cronologia do ser, o sujeito se depara com a dicotomia presente em si. Em seus impulsos plurais representa a desordem que está em seu devir, pois a existência vai além de sua deliberação, não cabendo a ideia de uma liberdade inteligível inerente à condição do sujeito sem si. Entre os suplícios e os prazeres do viver, o sujeito encontra a potência de se tornar quem se é, uma vez que a dualidade entre prazer e o desprazer circundam as perspectivas dos indivíduos ante seu contemplar categórico. E nos retalhos carcomidos pelo caos, cada um se lança em convicções dogmáticas, em dúvidas exageradas ou colocações ingênuas. No final, restando apenas o “amor pelo próprio destino”, tendo em vista que nossas alegrias, angústias, culpas, amores e todos os demais sentimentos e pensamentos intrínsecos ao sujeito englobam a balbúrdia de enfrentar a si no continuar dos grãos da ampulheta.

Portanto, o ser, em sua essencial existência incauta e fortuita, busca seu sentido na própria falta.

Na imensurável permeabilidade do caos de ser quem se é.

ABERTURA

Prólogo



O cosmo sistêmico segue sua própria dinâmica

Cria-se tudo

Inclusive uma espécie pretensiosa

(Ressentida)

Tendendo a crença sustentada pelo o desejo infante

Com aspecto convicto oriundo do desamparo

“Que tudo foi feito para si”

Mal sabem eles

Que na ordem do mundo

O que vigora é o caos

01

Caos de ser que se é



Antes

Dos pré-socráticos

Dos metafísicos

Dos racionalistas

E dos empiristas

Antes

Dos estoicos

Dos epicuristas

Dos hedonistas

Dos próprios neoplatônicos

Antes mesmo

Do ser racional

Que supostamente sabe que sabe

E que pensa que sabe

Antes

Do homem primitivo

Das proibições totêmicas

Das leis

E das hordas rústicas

Antes

Do ser e não ser

Antes

Do saber que existe

O homem em sua plena consciência
Ou em seu âmago opaco

Sabe

Que viver é um ato de coragem

Pois

Mesmo antes

Da desordem apresentada pelo mundo

O indivíduo visualiza

O caos de ser quem se é

02

Liberdade



Ó liberdade

Ó doce e amarga

Liberdade

Na má-fé determinista

Em sua dialética

Na ótica situada e contextual

Ou em sua extravagância livre

Por que tendes ao paradoxo?

Por que queres ser tão doce e tão amarga?

Tu seria mais doce do que azeda

Se não tivesse uma irmã tão infame

A famigerada

Vã

E mal compreendida

Responsabilidade

Por isso

Liberdade

Te trato como deve

Com renúncia

Quem é louco de ser responsável por tudo de si

Tudo que fala

Sente

Pensa

Magoa

e

Erra

Só quero ser responsável

Pelo o que

Ganho

Conquisto

e

Acerto

Ó liberdade

Lamento-me de sua perniciososa pretensão

Que começa com o viver

E terminar com o morrer

Entretanto

Tua origem é cômica

Quem diria

Que o poder da escolha

Viria do acidente não escolhido do nascimento.

03

Nascimento



Nascer

É o verbo de ser laçando no mundo

De ser largado pela Fortuna

Que gira sua roda

Lança a mão de sua imaginação

Para o ser ter sua gênese no berço carcomido pela natureza

Nascer na riqueza ou na pobreza

Mesmo que em ambos

Possa existir sua antítese simbólica

Ó mero indivíduo

Que aqui chamo de sujeito

Você pode até dizer

Que nascer é o início da atividade da ampulheta perante a morte

Porém

Sou mais pretensioso

Por isso

digo

Nascer é ter a oportunidade de se propelir em face do
escarlate e das formas cintilantes do existir

Para no fim ser extirpado pelo nada

04

Madrugada



Nessa madrugada silenciosa
Escuto apenas o barulho estridente da geladeira
Tendo como contraste meus pensamentos e sentimentos que
afloram

Nessa caótica noite
O sono desaparece com rapidez

Lépido
Não mais do que ontem

Nessa aurora do existir
As madrugadas
Me impedem do ato
Do desmaio de todo dia

Potência
Potência
Potência

Gritam meus pensamentos
E meu âmago extenuado ante a redenção

Sangue
Aquilo que corre em minhas veias e artérias
Que enfada o meu cansado pulsar

Vontade
Vontade
Vontade

Digo de forma repetida

Perdeu o significado

(Cardíaca essa afirmação)

E no amanhecer confuso

Imagino

Que antes

As madrugadas foram mais belas

05

Desespero



No desespero de um dia
Que durava décadas
Um ateu em seus conflitos
Subverte o ceticismo
Ante a transgressão ocultista

Corta as palmas das mãos
E na dor insuficiente de si
Estanca suas feridas com sal e álcool
Na transmutação nada palpável
O escarlate da carne do sangue vívido
Expressava um corte mais profundo
Que ia além da carne
Atingia a alma

Todavia
O final não é cadavérico
Pois com as mudanças de realidade
Soube lidar com a própria enfermidade
Já não sendo doença
Em que
A cólera masoquista
Transformou-se nas formas irascíveis de viver

06

Ótica Logística



Ser jovem é enfrentar a ótica e a logística

Pois o jovem mesmo tendo vivido pouco
Vê seu passado com maravilha
Vê seu presente com adiação
Vê seu futuro com pressa

Quando fica velho
Calcula o tempo perdido
Dividi o presente com tarefas monótonas
Subtrai o futuro que já não é mais longínquo

Uns dirão que é uma mera questão matemática

Outros expressarão
Que não passa de uma questão de perspectiva

E nas perguntas sobre a vida
Vamos perguntando e adquirindo cada vez mais dúvidas
Até sermos lançados na vã certeza

E no viver e no não viver
A gente percebe
Que nunca vive o suficiente

Pois
Sempre erramos nossos cálculos
E nossa ótica está constantemente deturpada

E final sempre haveremos de dizer:

“Quem me dera ser jovem”

“Quem me dera ter mais tempo”

Portanto

Na ótica e na logística

Ou melhor

Na ótica logística

Não vivemos os momentos alegres ou sofridos

Ficamos apenas na lamentação dos erros não calculados

E como tudo poderia ter sido maravilhoso se tivéssemos
utilizado as fórmulas corretas

07

Erro



Errar é o ritual indissociável a vida
Nessa cerimônia do erro
Devoramos os fracassos
As mágoas
Os arrependimentos
A culpa
E a angústia

Nessa cerimônia antropofágica
Devoramos o indesejado
Ou melhor
O que desejamos em segredo

Que por vezes
Corroem a garganta
Rasgam a carne
E ferem a alma
Em busca de uma mera catarse

E ao devorar os fracassos
Culpa
E angústias
Percebemos que esses elementos nos compõe
São partes indissociáveis de ser quem se é

Certos momentos
Os fatores devorados
Nos causam náuseas

Queremos vomitar
Para aquilo não fazer parte de nós

Entretanto
Uma vez
Ingerido
Aquilo
Torna
Quem
Somos

A digestão desses fatores é uma labuta

Compreendemos
após um tempo que a cerimônia é necessária

Pois como amadurecer os órgãos e o espírito
Sem perceber os benefícios do sacrifício e das oferendas

Indo além da própria lástima

08

Suicídio Parabólico

Esse jovem rapaz
Pretende pular da ponte de sua pequena cidade
As exatas nove e meia
O sol refletido nas rasas águas
Causava nele vertigem

Ao sentar na sacada da ponte
Prestes a pular
Foi tomado pelas as mais diversas reflexões

Ao redor do jovem rapaz
Encontra-se a multidão eufórica

E mesmo que ninguém ousasse falar nada
Todos julgavam em suas filmagens pelo celular
E através de seus pensamentos e olhares inquisitórios

Após alguns instantes
Sem nenhum auxílio
O jovem decide pular da ponte

Uma morte literalmente instantânea

A posteriori de seu trágico falecimento
Todos voltaram para as tarefas de seu cotidiano
Como se nada tivesse acontecido

Em sua lápide foi escrito:

“Aqui jaz o que foi um jovem rapaz

Causa da morte: Suicídio Parabólico

Pois sua própria execução angular

Visualizada através da parábola formada pelo seu salto
desesperado

Foi a única coisa avaliada pela plateia fervorosa

Por fim

Afetos não interessam

A morte

(nesse caso)

Foi uma mera questão de gravidade”

09

Últimos Tempos



Nesses últimos tempos
Tenho viajado para o passado
Indo para lugares desconhecidos
Nas lembranças reprimidas
Nas causas dos lapsos
Me banhando em águas antigas
Porém
Vivas

Nesses últimos tempos
Encontrei-me com a liberdade de si
Defrontei-me com os desejos
Com as angústias
Que agora
Encontram-se menos deslocados em imagens banais

Nesses últimos tempos
Tenho vagado no obscuro inconsciente
Nos seus ambientes magníficos
Outrossim
Cortantes

Mas vale a pena
Ferir-se ante o se conhecer

Percebendo
Que vale a pena
Muitas coisas que já havia esquecido

Ou melhor
Nunca tinha visto a real importância
Nesses jardins oblíquos de meu âmagô
Me perco
Mesmo que sabendo que no fundo
Nunca havia me encontrado

10

Poeira



O ser sente si
Sua dor e paixão
Vê em si a grandeza de ser

Ser que cala pra dentro
A balbúrdia para o interior
Confusão genealógica
Hiperbólica para um ser tão efêmero
Perante o vasto

Vasto
É ser
E não ser

Na crítica da própria consciência
Sabe que não passa de um átomo variável
Que se esvai com demasia ante o tempo de tudo

E mesmo no fim trágico
Ou meramente cômico

Transforma-se em poeira

Porém
Com os atritos constantes
Ainda que sendo lúgubre
Tem em si um espectro cintilante

11

Ato Falho



Senti

Na hora

Que tinha falhado

Falhado nas falas e nos atos

Nos

Atos falhos

Mas

O que é equívoco pra razão

Não passa da verdade para o inconsciente

Quem diria

Que no equívoco da fala

Diria a verdade a minha própria verdade

12

Esvair



O poeta calado
Grita de dentro
A noite a fora

Fora de si
Fora do mundo
Não no espectro metafísico
Mas no mundo das ideias
Na hipotética fantasia

“Cala-se”
Diz pra si

Se cala
Recalca
Cai

O desejo primoroso
Acalenta o ser
Mordido e escarrado
Sai o poema como significante
E a poesia como significado

Daquilo que foi calado por si

E aquilo que não foi falado pela boca ou pelos gestos
Aquilo que não foi mencionado nem nos pensamentos
Esvai-se pelas pontas dos dedos
Diluindo-se em poesia.

13

O Padecer de Cada Aurora

Este é mais um amanhecer
Na esquecida aurora de cada estrela
Que banha os astros envoltos por sua força

Ainda escuto o assobio gritante do guarda da rua
Trago emoções de lembranças esquecidas
Lanço as ideias por meio da atmosfera do contexto

Falo comigo mesmo
Sem qualquer resultância de censura
Transgredindo os ideais
As pretensões funestas do pesar

Afloro o corpo e sua afirmação de vida
Na ausência da repressão dos impulsos terrenos
A pluralidade me asila
Dos conteúdos antes exilados pela dor
Guardados
Encon di dos
(Presos)

Abro as feridas
Sem qualquer masoquismo
Para tratar as angústias do espírito
De sua aparente indefinição

Respiro
Toco

Sinto
Padeço

Sem qualquer labuta

Pois no encontro do caos

O espírito entra em atrito com o vazio de sua própria finitude

Fazendo de sua escuridão a gênese do resplandecer de cada
aurora

14

A menina e seus poemas

Ela escrevia com desespero
Englobada pela angústia inconsolável
Encontrava na escrita a
Catarse

Só conseguia transcrever o que sentia
Em meio a hiperbólica tristeza
Expressava-se apenas por intermédio da melancolia

Porém
Um dia
Ela conseguiu visualizar os aspectos para além do mesmo
espectro
Expeliu sua tinta escarlate sobre a mesma temática
Utilizando o devir das metonímias
A lucidez a definia
Nesse insólito momento
Via a potência de novas metáforas

O porquê
E o como
Mudaram

Encontrando a pluralidade
Em meio das unilaterais categorias

Sentido si mesma
Sob novas desordens

15

Pesadelo Longíquo



Quando criança tive um grande pesadelo
Com pessoas sem rosto
Revoltas suburbanas
Nos devaneios insólitos das poucas experiências

Quando acordei
Ainda era madrugada
A chuva parecia torrencial
Naquele ambiente quase amazônico

Corri com medo
Via-se o desespero em meus pés

Escorreguei
“Menino sem jeito”

Costas
Pés
Mãos
Virilha
Cabeça

Foi tudo o que eu bati durante o percurso dolorido das
escadarias de minha residência

Chorei Alto
Tão alto
Que contrastava a própria chuva forte

E quem diria que em meio do pesadelo infante

Ainda encontraria o acalento

16

No Mundo Normal



No Mundo Normal

Todos

Sem exceção

Tem o seu diagnóstico

Primeiro sujeito: Transtorno Obsessivo-Compulsivo

Segundo sujeito: Esquizofrenia

Terceiro sujeito: Depressão Clínica

Quarto sujeito: Transtorno de Ansiedade Generalizada

...

No Mundo Normal

A normalidade se tornou utopia

E a loucura se reverteu em realidade

17

Solitude



“Solidão é a sorte dos espíritos excepcionais”

Diz um alemão mais velho

“Devora-se, não seja devorado”

Quis dizer um alemão mais novo

A solidão como espectro é relutância

Mesmo na significância

De não aceitar o que se apresenta

Na solitude

Desejo ser um porco espinho

Que se fura

Que fica em carne viva

Por não negar o Outro

Que nos acompanha na doce e árdua existência

Nas perdições ainda não perdidas

Além das coisas sagradas e profanas

Além do bem e do mal

18

Cotidiano



Cotidiano

Marcado pelas danças insólitas das personas

Por personagens que executam seus papéis

Sem

Nem

Sequer

Ler o roteiro

Ninguém lê

Seja

Por ser cego

Apressado

Ou simplesmente pois não conseguir visualizar o sentido nas
letras foscas

De fato

Não há sentido

Neste universo

Os personagens existentes são as engrenagens tratadas como
seres inanimados

Sendo todos substituíveis em suas existências insubstituíveis

19

O Narcisista

O narcisista cria o templo de si

Tendo como único súdito

Si mesmo

Quem diria

Que na abrangência do cosmo

Existiria uma partícula

Que se visualiza como um Deus imortal apesar de sua
finitude

Ó ser descuidado

Que perdido no medo

Cria os mais variados devaneios

Perante a minúscula grandeza de si

20

Levar a sério



Não leve demais essas coisas a sério

Mesmo nas brincadeiras inócuas

Somos sérios

Piadas

Chistes

Humor

Tudo isso é “brincadeira”

E essas aspas deixam as coisas sérias

Quem leva a sério demais todas as coisas

Esquece da simplicidade de um sorriso

21

Não-dizer



Não soube o que dizer
Não veio as palavras
Os pensamentos estavam confusos

Estava perdido em mim mesmo

Não consegui dizer nada
Gaguejava ao tentar dizer
Obstáculo não-verbal
Verbalizado no ato
No não-dizer
Na fala não falada

Ao fim

Não falando
Falando nada
Falei tudo
Ao não reproduzir os monólogos racionalizados
Na solidão de meus pensamentos

Quem diria
Que ao não falar

Diria tantas coisas para além das palavras

22

Paradoxo do ser



Amamos a dor
Sem compaixão
Dizemos que amamos
Sem paixão
Nos apaixonamos
Sem concretizar o amor

Atuamos na potência
Sem virar ato
Calamos
Sem falar
Nos encontramos
Sem nos perder

Discursamos
Sem plateia

Gritamos
Sem abrir a boca

No fim

Tememos a morte
Sem nem se quer

Viver

23

Plástico



O plástico é plástico
As coisas velhas são plásticas
As pessoas são plásticas
As comidas deixadas nos pratos são plásticas

Depois tudo vira lixo
E o lixo é plástico

E na plasticidade das coisas
Tudo é jogado nas valas e rios

24

Ser Simbólico



Ser humano

Ser simbólico

Que devora

Deleita-se

Apega-se as suas próprias representações

Utiliza as lentes permeadas por seu próprio panorama

Fragmenta o mundo

Os outros

E a si mesmo

É coagido pelo caos

Fantasia a desordem com labuta

Vê si mesmo com suplício

Até perceber

Que ao transgredir sua intrínseca visão

Torna-se quem se é

25

Vida Pensada



Tentar viver uma vida pensada

É cultivar um jardim com plantas artificiais

Qual a graça de existir sem se arremessar

Na possibilidade do erro

26

Breve afirmação sobre a solidão



A solidão é sagrada e profana

Sua essência é perniciosa ou necessária

Depende dos olhos de quem visualiza o seu ser em sua particularidade

Pois mesmo na solidão

O sujeito tende a privação

A não enxergar a si mesmo

Portanto

A solidão é ao mesmo tempo

A escuridão e a luz de cada ser

Privando ou libertando o sujeito para além das personas que mostra para si

27

Dogmático

O dogmático

Na ingenuidade do ideal

Busca as virtudes cardinais

Esquecendo-se

De buscar suas próprias virtudes

Ao buscar o produto universal

Oblitera a necessidade de ser sujeito

28

Anoitecer Dionisiaco



Nessas últimas madrugadas
Eu luava
Os impulsos e forças
Que habitam o indivíduo e o mundo

Os indícios que marcavam o ser
Cegavam para além do pontifício
As confissões
Não tinham nesse espectro
Um caráter sacro

Em meu próprio inquérito
Os juízes eram as personificações da moralidade
Que tendiam a exagerar em suas sentenças
O Nirvana beirava o Amor Fati

Amaria nesse instante
Até as mais obscuras amarguras
De minha infante juventude

Encontrando elementos de minha dicotomia
Que se misturavam os com os espíritos desse mundo

A chama acesa tragada pelos lábios despercebidos
Não passava a posteriori de cinzas randômicas
No vasto jardim

A saliva espessa
Não se limitava ao gosto amargo
Amava até meus vícios perniciosos

Encontrando nessas madrugadas
A saudade de coisas longínquas
No tempo e espaço
De vários instantes

29

Aracnofobia



Medo das aranhas

Nunca tive

(Mentindo descaradamente com negação mecânica)

Porém quando criança

Uma aranha de tamanho medonho

Digna do habitat amazônico

Caminhava lentamente em minha direção

Fiquei paralisado

Com a magnitude daquele inseto

Que certamente me mataria com seu veneno

Ó ser peçonhento

Que pica os inimigos que te atacam

Fazendo vítimas para a sobrevivência de si e sua espécie

Quando já estava perto de mim

Corri

Porém

Quando voltei não estava mais lá

Mas depois de pouco tempo foi encontrada

Foi rebatida com uma vassoura para o esgoto

E na luta pela sobrevivência

Esse ser foi expurgado

Para longe do mundo humano

Espero eu

Com vã expectativa

Que tenha voltado para a natureza selvagem

Renascendo para perto de ti e suas presas

30

Devaneio de uma breve paixão



Quando te encontrei

Fiquei mais feliz que uma criança quando encontra uma
chocolate dando bobeira

Porém

Quando fui sentir o seu doce sabor

Meu paladar só sentia a demasia do gosto salgado

Fiquei desiludido

Ao perceber que aquilo pensava ser um chocolate embalado

Não passava

de um tempero em forma de bloco

E nesse experiência de paladares lúdicos

Descobri que os amores e paixões podem ter diversos sabores

Mas ainda prefiro as decepções amargas

Do que gostos insossos

31

Pesadelo Tardio



No pesadelo de um dia
Ouvia as notas graves de um violino
Subia as escadas da emergência
Chegava em minha residência
E via um cadáver que parecia vivo
Finitude viva
Pensava com medo insular
Poupando o céu quase noturno
Com ausência de si em frente ao cadáver simbólico
De mim mesmo

32

As Penumbras Multifacetadas



Tive mais de um imago materno
(Mais de uma representação paterna)

Tive mais de um amigo
(Mais de uma concepção de família)

Tive mais de um amor
(Mais de uma paixão incauta)

Tive mais de um pensamento
(Mais de um sentimento unilateral)

Tive mais um raciocínio
(Mais de uma lógica oculta)

E no devir
Vou me perdendo
E me achando
Nas categorias
E na pluralidade

Nas penumbras multifacetadas do ser

33

Espírito Apolínio

No vigor da razão
Na unilateralidade socrática
Na inversão dos valores
Surge uma nova areté

Que categoriza o ser humano
Em sua fonte primorosa
Mas
Medíocre
Por negar a própria afirmação de vida

O homem tem ânsia por sua própria vontade

Todavia

Incluso em convicções indubitáveis
Suprimi o ímpeto de suas virtudes adormecidas

Demonstrando que o abismo é recíproco ao olhar e mistura
da luta subjetiva

Seja com o niilismo ou monstros

Que habitam o egoísmo do espírito

34

Eclipse Lunar



Esse rapaz ao ver
O eclipse lunar
Quis perguntar o sentido da vida
Aos astrólogos e maniqueus
Rechaçados por Agostinho de Hipona

Porém
Após uma breve reflexão
Que durava toda uma vida
Ao perceber que era um ser-para-morte

Compreendeu que o sentido da vida não seria encontrada
nos astros

Mas em sua própria finitude

35

Lástima

Nos amores perdidos
Nos encontros desencontrados
Nas fagulhas diversas
Chorava
Ficava em pranto
Por saber que não era seu
Nem eu era de mim mesmo
Lástima
Necessária
Para o encontro com novos personagens do ser
Defronte o Outro

36

Sintomas



Nos Sintomas

Nas satisfações substitutivas ante os desejos inconscientes
não realizados

Expresso

Minha

Vaidade

Amargura

E Tensão

Supervalorizando a intrínseca idiosincrasia

Para não aceitar os próprios erros

37

Questionamento inefável

Se me perguntarem

“Preferes ser o rei no inferno ou servo no mundo dos céus?”

De imediato respondo:

Eu prefiro o inefável

Nada

38

Linguagem Sinestésica



Em minha linguagem sinestésica
Meus poemas ganham forma
Os elementos simbólicos se confundem com a natureza
Tudo descrito no papel
Representa a arte pela arte

E no sincretismo parnasiano
Com os aspectos impressionistas

Cultuo a subjetividade do belo nas veias de minha sinestesia

39

Medo

O ser humano mente para si
Ao afirmar que não tem medo
Todo ser nasce com temores
O medo é intrínseco a existência
Pois
Quem nega seus horrores
Esquece que a coragem
Não seria ausência das fobias
Mas
A pretensão de enfrentar quem se é

40

Transicional



Antes era apaixonado pelos leões
Que vociferam com clamor

Hoje como Rousseau
Amo as crianças
Que não se calam a qualquer resposta

Hei de buscar incansavelmente novas perspectivas

Negando a vã convicção

41

Fama

Ja dizia um incauto latino americano
(Que acabei de inventar)

Cuidado com a fama

Pois ao mesmo tempo que essa nos abrem portas

Ela também tem seu caráter pernicioso

Pois supervaloriza a nossa decadência

Como se fosse a única parte da essência

Através da unilateral

Aparência

42

Ser-com-os-outros



O ser marcado pela pluralidade se lança em sua
individualidade
Com o medo do sofrimento oriundo do convívio
Objetando a incapacidade de controlar
Aquilo que é incontrolável

43

Herói

Andrea: Miserável país aquele que não tem heróis.

Galileu: Miserável país aquele que precisa de heróis

Bertolt Brecht

Não debes buscar o heroísmo no mundo

Seja o herói de si mesmo

Que encontra a harmonia nos âmbitos apolíneos e dionisíacos
expressos no âmagô

Que segue com coragem perante os próprios medos

Não aplacando a vontade de si em frente aos homens ou

kkkk deuses

Olhai o Destino com amarga doçura

Expelindo-se como Diomedes que fere o Ares na guerra de
Tróia

Reconhecendo que os heróis tem fraquezas que os tornam o
que são

Pois até mesmo o indomável Aquiles é marcado por seu
calcanhar

Afirmando-se o espírito ínsito

44

Breve torpeza



A máxima indecência é negar a si em face de si mesmo

45

Transgressão artística

Menina nascida no ambiente sacro
Guiada por leis divinas indubitáveis
Com afago amargurado
Todos os impulsos contrários à doutrina deviam ser
interditados
Reprimidos

De forma espontânea nasce o desejo incontrolável que guia a
orientação
Indo além da opção
Pois quem é insano de optar pelo sofrível ?

Permeada pela tensão
Surge devaneios reais
Que englobam o seu eu na amplitude dolorida
Destruída por não poder ser quem se é

Nascendo e sendo tomada pela

Tristeza
Angústia
e
Melancolia

Entre outros sentimentos que deslocam a culpa pelos
conteúdos não escolhidos

Entre as não-escolhas
Decidiu buscar a arte

Ou melhor
Ser arte

Fazendo de seu cantar
Um grito de libertação
E da vibração das cordas dos variados instrumentos
A manifestação caótica que era expressa por sua alma

Não menos crente
Fez da arte uma divindade

Pois
No palco largava as personas
Que apesar de serem suas aparências
Representavam a antítese de sua essência artística

Diante da plateia
Despia seu espírito
Expondo as feridas de seu existir
Em uma conjuntura quase que metafísica
Renascia a partir da potência
Que estava restringida
A espera de sua própria permissão

46

Ódio as crianças

Eu antes
Odiava as crianças
Seres incautos
Que não medem o que dizem
Fazem birra pra ter o que querem
Choram alto por mimo ou emoção

Eu odiava as crianças
Pois não conheciam o valor das normas
Controle ?
Nem nas brincadeiras
O caos da pressa de viver as acompanham

Eu odiava aqueles olhos brilhantes
Que veem cada instante
Com tal intensidade
Que o simples e o complexo se perdem
No dançar das cirandas

Porém

Mudei

Comecei a amar o insólito olhar infantil
Que indaga o mundo sem convicções
Não existindo crenças inestimáveis
Em que a maturidade é seria
Assim como nas joguetes juvenis

E aquilo que era ódio
Vira ode

Vira poesia

E no retorno ao habitat infante
Nessa ciranda do existir

Encontro o amor pelo período que abominava
Por encontrar minha criança interior

Que estava perdida nas florestas amargas de meu desamparo

47

Gaiola

Ó ser se prende

No passado

Nas expectativas

Nas certezas

Nas inseguranças

Nos medos

Faz de si

Uma gaiola

Que prende até o cantar interior

Prisão “confortável”

“Até que é grande”

Racionaliza

Prende por tempo indeterminado

Entretanto

Em um dia

Abrem-se as portas da prisão de si

Mas o sujeito resolve não ver o mundo fora de seu calabouço

Fica dentro

Não sai

Pois

As coisas que passou

As coisas que viu

As coisas que fizeram consigo

Sobretudo

As coisas que fez para si próprio

São afirmados como os motivos para não lidar com o
sofrimento

Angústia

Fazendo consigo

O mesmo que fizeram pra si

Decidindo ficar preso

Injuriando os culpados que se faziam presentes

Não na matéria

Mas nos horrores guardados para si

Por vezes

A porta da gaiola se abre

Porém

Quanto mais apegado a suas ilusões

Mais o sujeito nega o desejo que sustenta sua crença

Até que na indagação corajosa

Possa sair para além de sua gaiola

48

Crepúsculo

No caminhar dos momentos
Decaio na presença do Crepúsculo

Minhas convicções viram farsas
Minhas certezas viram dúvidas
Meu Thanatos sucumbe ao Eros

Nesse extenso anoitecer
Amanheço

As falsas noções
Desmoronam

E aquilo que parecia ser liberdade
Era labuta
Que pelo desapego
Rompe

E o astuto concebe a oportunidade de virar nômade em seu
interior desconhecido

Vagando ao longo das entrelinhas de seu espírito

49

Vingança



No ato vingativo
Das injúrias proferidas por outrem
O remetente
Espera o justo
Na vã hostilidade

Sucumbe a atitude colérica
Torna-se irascível
E na amargura desamparada
Vinga-se em sua crueldade

O Impulso que engoliu sua perspectiva
Destroça o adversário obstante
Por fim
No término implacável
Suprime sua fúria
Restando a pulsão ainda desconsolada

Na busca pela retaliação alheia
O sujeito deve estar preparado
Para aceitar a execução das condutas da própria Medeia

50

Anacronismo dos apaixonados

Toda paixão é ambiciosa
Pois na selvageria consumada
Daríamos a vida pelo amor ainda não amado

Ficamos inquietos

Temos pressa de buscar as coisas ainda não experimentadas
Os beijos têm sabores vívidos
Que latejam com o pulsar desenfreado

Nos apaixonados tudo tem pressa
Por isso
Por vezes
Esvaem-se na mera anacronia
Caindo na efração

Restando um princípio:

Em toda paixão reside a ambição do amor de Alceste

51

Inconstância



Nas molduras escassas
Exprimidas nas caras vessadas
Da patologia que cai
No ínfimo lúgubre das poesias
Exaltados nas frases mal ditas
Na própria inconstância do ser

Metáforas gritam para além da garganta
Que obstrui o ar cansado da libertação
A única saída do respirar fica fechada
E na experiência de quase-morte
Tosse como nas rasgas do marfim
Preso nas armas naturais

Defesa intrínseca
Que acalenta as maiores dores
No temporário momento
Que logo se vai

Possivelmente
Na expressão repetida
Tudo retorna
Ao mesmo lugar
De forma divergente
No devir das constâncias
Inconstantes

52

Olhos retidos



Olhei no fundo retido de sua íris
vi a beleza
Procurei seus olhos em meio a multidão
De meus sentimentos

E no afeto ávido
Encontrei-te
Bambúrrio

Desde esse momento
Nunca esqueci uma frase do Rilke:

“O belo é o começo do terrível”

53

Prazer Monogâmico



Tínhamos tudo para dá errado

De fato

Erramos

Às vezes amar é insistir para além da lógica dos possíveis
acertos

Pois o amor que só pensa

Esquece de viver os prazeres monogâmicos

Que vão além do tesão

54

Carminada

Carmim

Com sua vermelhidão opaca

Manifesta o símbolo das lembranças quase esquecidas

Signos vivos

Divergindo-se das fatos materiais

Mas não da realidade

Pois o ser

Em seu curiosidade descuidada

Busca verdade sobre mundo

(Ausência de resposta)

Frusta-se

Tornando indubitável os selos do desamparo

Nesse carmim

De coloração insólita

Busca-se o sentido de si

(Sem verdades)

O desconhecido provoca a dialética

E pelas feridas dolorosas

Nasce o escarlata

55

Ilusões



Os feixes cintilantes me arroteava
Ficava fascinado com as formas e ideais expressas
Cria que coexistiam junto com o divino Demiurgo
Tudo ali era sagrado

Mas quem diria
Que com as indagações indevidas
A intocável contemplação
Seria profanada
Fazendo-me perceber que o cintilante espectral
Eram produzidas pela fantasia de âmbito escapofílico

No ressentimento dos desamparados
Tudo é posto em voga
Menos a monotonia

Em que o desespero é confundido com a desordem

O homem ainda necessita de muitas ilusões para não
sucumbir ao marasmo

56

Espelho



Caminhar diante a existência
Caracteriza o andar para o horizonte
E ter atrás de si um espelho que reflete os passos em direções
opostas

Pois no ato de conhecer a si
Todo passa dado para frente
Significa o adentrar para o interior

Portanto
Como adentra o mundo que nos rodeia
Sem o ímpeto de mergulhar em si ?

57

O Ludibriar da Pseudo Clarificação

As figuras de luz não representam o aspecto solar
As fantasias luminosas enganam a humanidade em sua busca
pelo resplandecer
Veem o amanhecer em ilusórias perspectivas
Ao imaginar que a luz dos refletores inventados ultrapassam
a penumbra dos contextos

O feixe luminoso essencial
Surge do caos
Recostado nas ranhuras do âmago

58

Transgressão

Nas tensões desagradáveis
Na satisfação inatingível
A redução da descarga
Não se deu pelo prazer
Mas pela busca do estado inicial
Em seu aspecto inorgânico

Nas repetições
As resistências cíclicas martelavam meu ser

Transgredi
Na dilaceração da carne
Agressão mortífera

Entretanto
Nas elaborações
Até então mal formuladas
Descobri outras passagens em meio as fortificações

Mas uma vez

Transgredi

Porém
Pelo caracteres colérico
Que encarava a inorganicidade em sua idiossincrasia vital

59

Caminhada no Deserto



O homem em sua vaga existência
Busca o sentido em meio do imenso deserto

Inicia-se como um camelo
Sendo submisso a si e aos outros
Carregando em suas costas
As corcovas que fazem parte de seu ser

Mesmo sendo passivo
Este camelo tem a força para subverter
O peso sobre si

Ao largar o símbolo permissivo

Transforma-se em leão
Diante de sua força
Elabora-se uma coragem retida pelas antigas corcovas
Lutando contra tudo que reprime sua vontade de ser

Na última metamorfose em meio o vasto deserto
Este ser
chega em sua forma mais selvagem

Agora

Não é mais camelo

Nem leão

Na metamorfose de si

Vira criança

Não pela fraqueza ou necessidade de cuidado

Mas sim

Pelo vislumbrar da vida sob uma nova perspectiva

Deixa de ser homem

Surge o Além-do-homem

Que através da busca de sua própria vontade

Mais uma vez

Aprende a olhar o mundo ao abrigo de uma ótica infante

Percebendo que o maior inimigo de si

É si mesmo

FECHO

Epílogo



Após a morte
Na tumba lavrada
Perdemos a potência da fala
Nossa história se perde nas minúcias do cosmo
Que logo há de nós esquecer
Nas entranhas dos escrúpulos

Ficamos nas lembranças fantasiadas e carminadas dos que
ficam
Que logo hão de ir para junto do mesmo lugar

Ambiente vazio
Causa aflição
Medo
e
Angústia

Que logo se vai

Por fim

O epílogo é o momento em que os outros falam de nossa
existência sem existirmos

Sobretudo
Nossas próprias palavras se diluem nas lembranças da
finitude dos esquecidos
Sendo as palavras só palavras
Pois para o falecido
A linguagem é cadavérica

E em seus últimos momentos
A maior pretensão de felicidade
Seria amar perante o
Eterno Retorno

SOBRE O AUTOR



Marcos Vitor Costa Castelhana

Mestre em Ciências da Educação pela World University Ecumenical, com diploma reconhecido no Brasil na área de Ensino pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Bacharel em Psicologia e licenciado em Pedagogia, Artes Visuais, Letras, História e Filosofia. Coordena o curso de Psicologia e o Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPEX) da Faculdade Sucesso (FACSU), onde também atua como professor universitário. É psicólogo escolar e psicólogo no CAPS AD III Gildate Lúcio da Silva. Editor-chefe da Revista Educação Contemporânea e da Editora AC, desenvolve trabalhos nas interfaces entre Psicologia, Educação, saúde mental, escrita e formação acadêmica.

1ª edição digital | São Bento - PB | Editora AC | 2026